

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E  
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

## **ATELIÊ TERAPÊUTICO COMO VIVÊNCIA E APRENDIZADO EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA**

Jéferson Diogo de Oliveira Santos  
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Eixo 1 – Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

O percurso formativo do estudante de psicologia perpassa diversos caminhos, métodos e fazeres. Em uma formação diversa, é esperado que o futuro profissional aprenda, não apenas as diversas abordagens psicológicas, mas que ele também dialogue com a diversidade presente na sociedade, campo de atuação do mesmo.

No campo do trabalho com distintos grupos, a psicologia comunitária se consolida como uma disciplina pautada em uma práxis libertadora, onde o profissional entra em contato profundo com a comunidade, almejando compreendê-la tal como se apresenta (Góis, 2007). Tal campo de atuação coloca o estudante de psicologia em um processo de desvelar-se, sendo necessário despir todo o pré-julgamento de vivências que não condizem com o grupo comunitário do qual fará parte.

Assim, o presente relato de experiência ilustra o trabalho realizado pelo projeto Ateliê Terapêutico Social em parceria com o curso de Psicologia da Unisc, orientado pela professora Ana Luisa Teixeira de Menezes. Foram acompanhadas duas turmas da disciplina de psicologia comunitária, que vivenciaram a prática do ateliê terapêutico, ofertando em seguida para a comunidade. Deste modo, buscou-se que os estudantes de graduação vivenciassem a prática de ateliê, tornando-se também imersos na comunidade que ali se criava.

O projeto intitulado Ateliê Terapêutico Social, ocorre desde 2018, ofertando ateliês para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Mantido de maneira independente, o espaço recebe quem deseja criar a si e ao mundo através da arte. Embora o ateliê seja, historicamente, um espaço de criação das obras do artista

(ZORDAN, 2019) é aqui ofertado como um vaso que sustenta o que seus participantes trazem de suas comunidades de origem (McNiff, 2004).

O termo ateliê terapêutico é aqui cunhado então, como um espaço que integra o campo das artes e da psicologia, em um diálogo a partir dos conteúdos comunitários emergentes nos encontros e das materialidades apresentadas a cada encontro. Sendo encontros abertos, a chegada dos acadêmicos de psicologia oportuniza uma ressignificação dos espaços construídos.

Na primeira turma, quinze acadêmicos se integraram ao ateliê já em andamento com a comunidade. Inicialmente, o desconforto foi nosso companheiro. Por parte da comunidade havia o estranhamento de que “um bando de quase psicólogos” fossem interferir em suas produções e espaços de fala. Do outro lado, o desconforto dos estudantes que não entendiam como o processo de criação artística poderia dar voz para uma comunidade.

McNiff (2004) é enfático ao afirmar que a arte possui um potencial curador, principalmente quando trabalhada em grupos. O mesmo é defendido por Allen (2005), que pontua o ateliê como um espaço sagrado, onde somos testemunha da criação dos membros da comunidade ao mesmo tempo que somos testemunhados ao criar. E foi nesse fazer conjunto que os alunos tornam-se pertencentes à “comunidade do ateliê”, como dizíamos ao longo dos encontros.

Nos estudos da psicologia comunitária, através de Góis (2007), a atuação psi se dá em mão dupla, ao empoderar os sujeitos pertencentes a determinada comunidade, mas também gerando transformações individuais, que contribuam com a jornada pessoal de cada pessoa. Durante o mês em que a primeira turma participou, as barreiras entre quem era aluno e quem era comunidade foram deslocadas, afrouxadas. Se fazia perceptível, nas falas e nas imagens materializadas, as curas que foram ocorrendo em cada participante.

Cura, no espaço do ateliê terapêutico, é compreendida como o processo de transformação que brota do contato com as materialidades e as imagens emergidas do inconsciente. Neste vaso, a individuação (JUNG, 1999) pode ser percebida brevemente, como esta jornada infindável de busca de si mesmo.

Ao final dos encontros da primeira turma, foi oportunizado aos alunos que facilitassem o encontro. Tal resultado ocasionou em um forte relato de uma das participantes, que alega ter “curado uma grande ferida com os alunos de psicologia”. A participante havia tido experiências negativas com estagiários ao fazer tratamento para

depressão e, ressignificou a partir do contato com os acadêmicos no espaço do ateliê terapêutico.

Esta foi a fala de maior aprendizado, conforme posto pelos alunos, que vivenciaram não apenas a importância da vivência sensível e livre de preconceitos com a comunidade, mas também a potência do ateliê como um espaço de aprendizado e construção de saberes.

Para evidenciar o espaço de ateliê como este vaso que produz e sustenta conhecimento, a segunda turma, no ano de 2023, auxiliou em um “ateliê terapêutico efêmero”. Ou seja, criamos a proposta do ateliê na cidade de Santa Cruz do Sul, chamando a comunidade para participar. Parte da turma de psicologia comunitária optou por desenvolver a prática, e iniciamos realizando um ateliê apenas com os alunos, como prática e também como forma de aprendizado.

A partir desta experiência prática, a comunidade foi convidada para participar dos próximos encontros, o que resultou em diversas pessoas desconhecidas, sendo um ateliê novo para todos nós. No espaço de ateliê nos encontrávamos, nos fazendo comunidade e encontrando também o corpo, o tempo e o espaço, evocados pelo local de criação (CINTRA e OLIVEIRA, 2021).

Também com duração de um mês, os acadêmicos de psicologia ressaltaram a importância de espaços práticos para a vivência da teoria estudada, como posto pelo ateliê. Com falas registradas em diário de campo, os alunos trouxeram a profundidade da prática de ateliê em nível pessoal e educativo.

Em sua dimensão pessoal, tornou-se visível o contato que cada participante fez com suas imagens inconscientes, materializando-as nas peças criadas e ressignificando suas experiências de vida a partir da troca com os outros participantes. Entre as falas, evidencia-se o “retomar uma parte da vida que eu achava não ter espaço” e a “reconexão com a vivência”.

O ateliê possui infinitas possibilidades, atuando em distintos espaços, uma vez que é, como afirma Orbach (2020), um mundo dentro de outro mundo. Logo, em sua dimensão de aprendizado, oportunizou que os acadêmicos aprendessem o que a teoria coloca sobre psicologia comunitária, através do corpo, da arte e da própria comunidade. Uma das acadêmicas relatou que “ampliou o campo da psicologia”, de modo a pensar novas possibilidades e novos espaços de atuação do profissional de psicologia.

Outro acadêmico, formando, alegou ter sido a “prática que mais fez sentido durante a graduação” ao que para um aluno do início de curso, “foi impressionante ver

na prática o que lemos no livro”. Tais falas evidenciam a riqueza e a profundidade que um espaço de ateliê pode ofertar para vivência pessoal/comunitária, mas também como um espaço de aprendizado do estudante de psicologia. Para além de apenas criar artisticamente, o ateliê oportuniza que o aprendizado perpassasse diversos campos que a educação por vezes negligencia, como o sensível e o imagético.

Assim, o ateliê terapêutico é afirmado como uma prática que deve ser integrada aos cursos de psicologia, uma vez que já se fazem realidade como prática de atuação profissional do campo da psicologia. Tais práticas são marcadas pela atuação nos serviços de saúde mental, nas políticas de assistência social e também em espaços privados, oportunizando novas possibilidades.

Tal trabalho reafirma, então, a necessidade de que o estudante vivencie toda a gama de possibilidades de sua futura profissão, para além de um arcabouço exclusivamente teórico. Afinal, é acessando o desconhecido e o sensível que tocaremos a alma humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ateliê; Psicologia; Educação.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, P.B. *Art as a spiritual path*. Boston: Shambala Publications. 2005.

CINTRA, Raissa. OLIVEIRA, Rayssa. *Ateliê no cotidiano: convite, convívio, continuidade*. São Paulo: [s.n], 2020.

GÓIS, C.W. *Saúde Comunitária: pensar e fazer*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild. 2007.

JUNG, C.G. *Cartas I*. Petrópolis: Vozes. 1999.

MCNIFF, Shaun. *Art Heals: how creativity cures the soul*. Colorado: Shambala Publications. 2004.

ORBACH, Nona. *The Good Enough Studio*. [S.l.: s.n.]. 2020

ZORDAN, Paola. *Ateliê como prática de liberdade*. Palíndromo, v.11 nº 25, p.52-63. Set-dez. 2019.